

APRESENTAÇÃO

A *Itinerários* de número 38 que ora se apresenta tem como tema a tradução literária. Os editores receberam 27 artigos. Deles, com o grande auxílio dos pareceristas – aos quais agradecemos – foram selecionados doze para publicação. Nos trabalhos enviados para avaliação – o que se reflete nos textos aqui publicados – chama a atenção a variedade de assuntos tratados, o que permitiu a organização de um volume com grande diversidade de temas, de objetos de investigação e de enfoques. Não se trata apenas da esperada multiplicidade de línguas, mas de gêneros (prosa, poesia, drama, ensaio, documentos do processo tradutório, projeto editorial de tradução) e de questões como a presença ou não de traços linguísticos e culturais em escritos de imigrantes que utilizam a língua do país de imigração; o modo de tradução do texto teatral; os componentes responsáveis pelo efeito humorístico na tradução. Este volume, portanto, mostra-se representativo das tendências atuais dos estudos de tradução quando tomam como objeto de reflexão e análise o espaço da literatura.

O artigo “*Pas de sens: tradução, poesia, desconstrução*” de Lilia Loman trata das relações entre tradução e texto poético sob a ótica derridiana. Para o pensador francês, a desconstrução é uma questão da tradução e o poético é a paixão pelo impossível que alimenta o movimento desconstrutivo em sua inesgotabilidade. Ao revisitar a interface tradução/desconstrução, a autora conclui que “[...] tradução e texto poético são simultaneamente cortantes e vulneráveis, complementares e essenciais, capazes de ferir e de se ferir”.

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa da Universidade Federal de Minas Gerais, no artigo “O tradutor de teatro e seu papel”, debruça-se sobre o fazer tradutório do texto teatral propondo que o tradutor cumpra, ao mesmo tempo, o papel de ator e de autor. Para exemplificar sua posição, a autora examina excertos da tragédia “Os persas” de Ésquilo, associando com adequação proposições teóricas e prática tradutória.

Por sua vez, Olga Donata Guerizoli Kempinska da Universidade Federal Fluminense em seu artigo “A tradução do efeito humorístico”, como diz o título, centra-se na tradução desse tipo de efeito, uma vez que se trata de elemento estético fundamental em determinadas composições literárias. Além das dificuldades comuns na tradução de qualquer tipo de texto, aquele que produz efeito humorístico traz maiores embaraços ao tradutor, pois a transposição não adequada de componentes diretamente vinculados ao contexto cultural, à função emotiva pode comprometer seriamente a qualidade e a compreensão do texto traduzido.

Em “Traços migratórios e tradução cultural na obra ensaística de Herta Müller e de Yoko Tawada”, Rosvitha Friesen Blume da Universidade Federal de Santa Catarina examina tais traços considerando que as autoras são imigrantes na Alemanha. Sendo Herta Müller romeno-alemã, tendo escrito sempre em alemão e Yoko Tawada, japonesa, que escreve em japonês e alemão, o artigo, de um lado, investiga a presença de elementos romenos ou romeno-alemães e da reflexão sobre as duas culturas na produção de Müller e, de outro lado, examina o percurso de Tawada entre as culturas japonesa e alemã.

Philippe Humblé e Arvi Sepp da Universidade de Bruxelas em “Autotradução ou literatura vernácula? Um estudo comparativo da obra de Yone Noguchi, Akira Mizubayashi e Yoko Tawada” partem do princípio de que a produção literária que provém de imigrantes traz especificidades quando a língua em que escrevem é diferente da língua materna. Nesse caso, pode-se perguntar se o procedimento é uma tradução realizada pelo próprio autor ou se se trata, “simplesmente de um texto escrito numa língua estrangeira por um estrangeiro”. Para refletir sobre tal questão, os autores estudam obras de três escritores japoneses que publicaram livros em língua diferente da sua com o objetivo de avaliar se, em tais produções, permanecem resquícios da língua materna, criando-se uma língua misturada que manteria a identidade japonesa. Concluem que o tratamento de cada escritor relativamente à língua é diferente, ainda que a adaptação à cultura estrangeira aponte semelhanças.

O projeto editorial *Centopagine*, dirigido por Italo Calvino para a Editora Einaudi de Turim entre 1971 e 1985, é o objeto de estudo do artigo seguinte, assinado por Andréia Guerini e Tânia Mara Moysés, ambas da Universidade Federal de Santa Catarina. Constituído de “romances breves” ou “contos longos” de grandes autores do século XX, o projeto editorial do escritor italiano reflete sua concepção de “clássico” e propicia uma mobilidade para o cânone literário que constitui uma contribuição de Calvino para a crítica literária e para o campo da tradução.

Em “Manuscrito e tradução: espaços de criação”, Sergio Romanelli da Universidade Federal de Santa Catarina examina documentos vinculados a processos tradutórios. De um lado, estuda tal processo na tradução para o italiano de poesias de Emily Dickinson realizada pela poeta e tradutora Rina Sara Virgillito; de outro lado, ocupa-se com traduções para o português de línguas clássicas e modernas realizadas pelo imperador D. Pedro II. Objetivando estabelecer “uma verdadeira transdisciplinaridade entre genética do texto e estudos da tradução”, o artigo explora os documentos citados por meio da metodologia da crítica genética. No estudo, tanto o manuscrito como a atividade tradutória são tomados como procedimentos criativos.

No artigo seguinte, “Processo de tradução, processo de criação: abordagem genética dos cadernos de trabalho de um tradutor de *Finnegans Wake* a *Finnicius*”

Revém”, Marie-Hélène Paret Passos, da PUC do Rio Grande do Sul, serve-se de cadernos de trabalho e de entrevista com o professor e tradutor Donald Schüler para estudar, a partir dos conceitos paradigmáticos definidos por Berman, as “marcas, vestígios e rastros de um processo, isto é, das diversas etapas de uma experiência de trabalho dentro de um projeto específico”, no caso, traduções de textos de James Joyce, para explicitar o projeto do tradutor, sua posição tradutiva, a tradução como experiência de leitura e de linguagem e o horizonte do tradutor.

O próximo trabalho, “Um poema grego, três traduções estrangeiras e uma solução vernacular”, de Luiz Carlos André Mangia Silva, professor da Universidade Estadual de Maringá, remete a questões próprias da tradução do texto poético grego, sem deixar de lado a reflexão geral sobre o processo tradutório. Tomando um epigrama procedente da *Antologia palatina*, o autor analisa três traduções estrangeiras do texto (francesa, inglesa e italiana) e, por fim, propõe sua própria versão vernácula, procurando, entre os recursos poéticos existentes em nossa língua, aqueles que, de alguma forma, possam ser equivalentes ao original grego.

Também no campo da tradução poética e propondo uma solução vernacular, o texto seguinte, “Antiga poesia renovada: a tradução do soneto LVII dos *Regrets* como exemplo da poética de Du Bellay”, de Daniel Padilha Pacheco da Costa, apresenta a concepção poética do poeta da Plêiade como imitação dos antigos, tomando como texto paradigmático de sua poética o soneto LVII de *Regrets*. O articulista demonstra que, na visão de Du Bellay, a tradução é uma modalidade de imitação poética do modelo, conforme prescrevia o pensamento clássico, princípio, aliás, utilizado pelo autor do artigo na sua própria solução vernácula para o soneto em questão.

Encerrando a parte temática deste volume da *Itinerários*, Vanessa Chiconeli Liporaci, do Centro Universitário Barão de Mauá, em seu artigo “A tradução de ‘A terceira margem do rio’ para o inglês”, analisa as macro e microestruturas do conto de Guimarães Rosa para verificar como a tradução inglesa de Barbara Shelby trabalha certos marcadores textuais, ora omitindo-os, ora transformando-os, e como esses procedimentos afetam o sentido mais profundo do texto, que, na versão inglesa, parece “ficar mais com tom de relato do que de confissão”.

A seção *Varia* apresenta um artigo sobre José de Anchieta, autor que retornou recentemente ao noticiário pela sua santificação pela Igreja Católica. Em “Os mesmos e os outros de José de Anchieta”, a autora, Šárka Grauová da Universidade de Carolina (Praga), tendo em vista que a recepção do jesuíta, no século XX, foi extremamente contraditória, toma o conceito de experiência para fugir dos impasses atuais da crítica. A experiência é entendida como a interna de Deus de acordo com a concepção espiritual dos inicianos, bem como a experiência da “união dos ânimos” também própria daquele universo, a do encontro de culturas como caminho de persuasão e a da experiência atrelada à ideologia. Para ilustrar tal abordagem

examina aspectos poéticos, teológicos políticos e culturais do auto *Na festa de São Lourenço* e, vendo nele o reflexo da experiência do encontro de culturas, procura motivos para as muitas visões que se apresentam sobre o jesuíta.

Por fim, apenas uma resenha compõe este número. Trata-se do texto de Candice Angélica Borborema de Carvalho sobre o livro de Alfredo Bosi *Entre a literatura e a história*, publicado pela Editora 34 em 2013.

A *Itinerários*, com este volume sobre tradução na literatura, espera ter contribuído não apenas para a discussão de problemas teóricos e práticos da tradução literária, mas também apresentar ao leitor um pequeno panorama da complexidade das questões inerentes ao espaço da tradução na atualidade, questões que vão além dos problemas de posição teórica do tradutor ou de dificuldades do processo tradutório. Quando observado pela reflexão sobre a tradução, o campo dos estudos literários é enriquecido por aspectos linguísticos, culturais, estéticos, individuais e sociais, que abrem um amplo espaço para perspectivas interdisciplinares.

Maria Célia de Moraes Leonel
Adalberto Luis Vicente